



Evento: XXIX Seminário de Iniciação Científica

SHE-WOLVES: A VISIBILIDADE DA MULHER EM POSIÇÕES DE PODER E A DIFICULDADE DE CONSEGUI-LO

SHE-WOLVES: THE VISIBILITY OF WOMEN IN POWER POSITIONS AND THE DIFFICULTY TO GET IT

Eduarda Franke Kreutz², Douglas Cesar Lucas³

¹ Resultado parcial das pesquisas desenvolvidas no âmbito do projeto de iniciação científica intitulado “Os direitos humanos e a proteção jurídica das diferenças identitárias no Brasil contemporâneo”, sob orientação do professor Dr. Douglas Cesar Lucas.

² Acadêmica do 5º Semestre do Curso Graduação em Direito da Unijuí, campus Santa Rosa. Bolsista de Iniciação Científica do CNPQ.

³ Professor da Graduação, mestrado e Doutorado em direito da Unijuí. Líder do Grupo de Pesquisa no CNPQ Fundamentação crítica dos direitos humanos.

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo evidenciar a dificuldade encontrada por mulheres que visam ascender em posições de poder, não apenas em cargos políticos, mas também em situações de âmbito privado. Assim, será possível compreender a forma como muitas mulheres não têm visibilidade associada ao poder, e quando a tem, são menosprezadas e fortemente criticadas, visto que muitos consideram que o poder não é natural para o sexo feminino. Tornar-se-á necessário fazer uma correlação com o ODS 5 da campanha executada pela ONU, “17 motivos para transformar nosso mundo”, demonstrando a importância de empoderar mulheres e meninas para que estas jamais deixem de buscar posições de poder que lhes interesse.

Palavras-chave: Mulheres. Poder. She-wolves. ONU.

INTRODUÇÃO

Visando demonstrar o preconceito que grande parte da sociedade mantém sobre mulheres que ocupam cargos de poder e governança, utilizar-se-á o conceito difundido na obra de Helen Castor, o documentário chamado “She Wolves: England's Early Queens” (2012), onde a historiadora fala acerca de “she-wolves”, conceito que diz respeito a mulheres que ambicionavam cargos de poder, e eram extremamente mal-vistas pela sociedade por isso.

Utilizando-se desse conceito, é necessário analisar a maneira como as mulheres que ocupam cargos de poder são vistas na atualidade, e a maneira como essa visão demonstra que as raízes machistas da sociedade ainda não foram exterminadas, visto que muitas mulheres ainda são vistas como she-wolves.



METODOLOGIA

A metodologia para a realização deste trabalho foi o estudo e a reflexão crítica sobre o material base aqui utilizado, bem como uma análise sobre os conteúdos trazidos, visando correlacionar o conceito de she-wolves trazido por Helen Castor a forma como a mulher é vista nos dias atuais quando visa ocupar posições de poder, evidenciando a vigência de costumes machistas. Ademais, através da leitura e pesquisa sobre o assunto, torna-se crucial refletir acerca da essencialidade do ODS 5 da campanha ONU “17 motivos para transformar nosso mundo”, que objetiva a igualdade e empoderamento das mulheres, para que estas possam ocupar os lugares que almejam.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Conforme a historiadora Helen Castor, em seu documentário “She Wolves England's Early Queens”(2012), derivado do livro escrito pela mesma e nominado “She-Wolves: The Women Who Ruled England Before Elizabeth”(2010), mulheres e poder sempre formaram, na história, uma combinação incômoda.

Ao longo de sua fala acerca de todas as mulheres que ascenderam ao trono inglês antes da atual rainha Elizabeth II, Helen Castor (2012) deixa muito claro que nos tempos medievais não havia espaço para discussão, pois os homens eram os únicos capazes de governar, ao passo que, mulheres não deveriam ascender a uma posição como essa.

Utilizando-se do período medieval, e mais precisamente da história inglesa, a historiadora (2012) comenta que, quando mulheres buscavam a posição que lhes era de direito, como rainhas reinantes devido a sua descendência, eram fortemente criticadas e condenadas, bem como caluniadas, chamadas de she-wolves. Explorar o que este conceito significa evidenciará o quão longe a sociedade já chegou, e o quão pouco mudou.

Muitas das mulheres chamadas pela história de she-wolves ficaram conhecidas como mulheres dominadoras e destrutivas, pouco femininas e não naturais, ousando desafiar a suposição de que apenas homens poderiam ocupar posições de poder. As mulheres foram chamadas de “lobas” por desejarem algo que, segundo as leis de hereditariedade da época, era seu por direito, mas que não era considerado um trabalho a ser desempenhado por mulheres.



Nesse sentido, faz-se crucial analisar: o mundo contemporâneo ainda considera mulheres she-wolves? Segundo dados coletados pela IPU (Inter-Parliamentary Union) em 2019, apenas três países no mundo possuem representação feminina política nos parlamentos federais superior a 50%. Neste mesmo ranking, o Brasil ocupa, atualmente, o 133º lugar.

Em 1997 criou-se no Brasil a lei 9.504, estabelecendo normas para as eleições, onde passou-se a exigir que 30% das candidaturas de cada partido fossem reservadas para mulheres. Contudo, não há cotas de gênero para que essas mulheres sejam eleitas, pois no Brasil, não existem assentos reservados para elas. Mas qual o motivo para que as mulheres não sejam eleitas? Segundo Joelson Dias e Vivian Grassi Sampaio (2011) apesar de a partir dos anos 1980 as mulheres passarem a inserir-se cada vez mais na sociedade, não deixaram de carregar os séculos de desigualdade e discriminação contra as mulheres.

De acordo com Gabriela Klaus (2016), não raras vezes as mulheres sofrem com os estereótipos que as vinculam à histeria, ao nervosismo e a tendência a deixarem-se levar pelas emoções, fatores estes já fortemente enraizados no imaginário social, o que reforça os preconceitos e a discriminação sobre a possibilidade de mulheres adentrarem no cenário de comando da sociedade brasileira. Ainda conforme Klaus (2016), a própria mídia mundial utiliza-se da imagem da mulher de forma estereotipada. Enquanto transformam a mulher em um ser domiciliar, como foi feito com a mulher do antigo vice-presidente, Michel Temer, elogiando seus atributos femininos, como ser bela, da casa, e do lar, criticam fortemente mulheres que ocupam de fato posições de poder, conforme exposto por Klaus, estampando capas de revistas com imagens que visam demonstrar descontrole e histeria, criando títulos que degradam sua imagem e ações, tratando-as como she-wolves em busca de poder.

De acordo com Klaus (2016), inúmeras características associadas aos homens são consideradas positivas, mas quando direcionadas a mulheres, são negativas, como feroz e impetuoso/a, evidenciando o já dito por Castor (2012), de que mulheres assim são consideradas pouco naturais e não femininas. De acordo com a historiadora, mulheres eram consideradas fracas, e por isso inaptas a governar, mas quando demonstravam o oposto, não eram consideradas fortes como os homens, mas sim monstros que iam contra a natureza.

No que diz respeito a cargos de gerência e empoderamento, mulheres também não são bem vistas. Conforme Lygia Gonçalves Costa Hryniewicz e Maria Amorim Vianna (2018), características consideradas femininas, como bondade e empatia, não são consideradas



compatíveis com as associadas a grandes líderes, como assertividade e confiança. Esse é um fator que gera uma distorção entre a mulher e a liderança.

Assim, as autoras acrescentam, não é uma tarefa fácil para uma mulher desempenhar o papel de chefe. Constantes questionamentos duvidando do seu potencial são impostos a elas, o que pode ocasionar dúvidas sobre si mesma, sua própria capacidade, baseado em um preconceito machista, que vê mulheres assim como she-wolves. Prova disso, são as situações em que mulheres são expostas a comentários ofensivos e ao assédio no ambiente de trabalho, desferido geralmente por homens que não as aceitam em cargos de chefia. De acordo com Hryniewicz e Vianna (2018), muitas mulheres quando expostas a situações degradantes como comentários maldosos e até mesmo ao assédio, preferem não intervir, visando manter o ambiente de trabalho sem conflitos, o que gera uma normalização do preconceito, que passa a ser visto como uma brincadeira inofensiva, e não algo insultuoso e ofensivo.

Quanto ao estilo de liderança, as autoras lecionam que muitas mulheres veem necessidade de alterar seu estilo de liderar para enquadrar-se a forma de liderança masculina, visando serem respeitadas. A isto, pode-se acrescentar o que Helen Castor (2012) demonstra em seu documentário, quando faz alusão a rainha Elizabeth I e sua fala “I know I have the body of a weak and feeble woman, but I have the heart and stomach of a king” (CASTOR, 2012), em tradução livre, “Eu sei que tenho o corpo de uma mulher fraca e franzina, mas tenho o coração e o estômago de um rei”. Para não serem vistas como usurpadoras do poder, como she-wolves, muitas mulheres passam a aderir formas consideradas masculinas de liderar, para que sua liderança não seja vista com tamanha rejeição.

A realidade atual demonstra que mulheres ainda não são bem aceitas como líderes, e ainda são consideradas she-wolves quando alcançam cargos de poder e prestígio. Infelizmente, as raízes machistas presentes em toda a sociedade ainda não permitiram a desvinculação total da mulher do ambiente doméstico e de submissão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observado isso, torna-se crucial aludir a necessidade e importância do ODS 5 a campanha executada pela ONU, “17 motivos para transformar nosso mundo” que visa alcançar a igualdade de gênero e empoderar mulheres e meninas. É crucial que desde a infância todas as crianças sejam incentivadas a liderar e respeitar ao próximo,



independentemente de gênero. Ademais, é essencial que políticas públicas sejam criadas a fim de coibir práticas preconceituosas contra mulheres em ambientes de trabalho.

Apesar da visível dificuldade apresentada, cada dia mais mulheres buscam ocupar as posições que desejam, lutando por seu lugar. Apesar de muitas vezes ainda serem consideradas she-wolves, elas passaram a lutar contra os preconceitos e inconscientemente, incentivaram outras mulheres a fazê-lo. Talvez, em algum tempo, mulheres não sejam mais consideradas usurpadoras do poder, she-wolves, e passem a ser consideradas puramente líderes, sem resistências e preconceitos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. **Lei Nº 9.504, de 30 de setembro de 1997**. Disponível em:
http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9504.htm. Acesso em: 09 de jul de 2021

DIAS. Joelson. SAMPAIO. Vivian Grassi. **A Inserção Política Da Mulher No Brasil: Uma Retrospectiva Histórica**. Estudos Eleitorais. Disponível em:
http://www.ejesc.tre-sc.gov.br/site/fileadmin/arquivos/ejesc/documentos/publicacoes/estudos_eleitorais_v6-n3_01.pdf#page=55. Acesso em: 08 de jul 2021.

HRYNIEWICZ. Lygia Gonçalves Costa. VIANNA. Maria Amorim. **Mulheres em posição de liderança: obstáculos e expectativas de gênero em cargos gerenciais**. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/cebape/a/Wwqj4gNdm8k8jcGRjCFxvqm/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 11 de jul 2021

IPU. **Women in national parliaments**. Disponível em:
<http://archive.ipu.org/wmn-e/classif.htm>. Acesso em: 09 de jul 2021

KLAUS. Gabriela. **Mulher E Poder: Uma Análise Dos Discursos Midiáticos Sobre A Mulher Política**. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/157726>. Acesso em: 10 de jul 2021

ONU. **Objetivos de Desenvolvimento Sustentável – ODS - 5**. Alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas. Disponível em:
<https://nacoesunidas.org/pos2015/ods5/> Acesso em: 10 de jul 2021

SHE-WOLVES: ENGLAND'S EARLY QUEENS. Direção: Lucy Swingler. Inglaterra, Irlanda: BBC Four. 2012. DVD.